



## O NINHO: UMA METÁFORA PARA MATERNAR, PATERNAR E FAZER UMA CIÊNCIA QUE NOS SOE HUMANA

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**BORGES; Daiane Ramos <sup>1</sup>, MACHADO; William Gustavo <sup>2</sup>**

### RESUMO

O resumo expandido que aqui está sendo exposto trata-se de uma reflexão sobre algumas nuances semelhantes que foram encontradas ao se colocar em comparação a vida parental e a vida acadêmica. Espera-se dar continuidade ao estudo, realizando um aprofundamento sobre a temática e amplificando suas possibilidades. O que se quer, afinal, é dar uma forma a um sentir, a uma pulsão que se comunica ora claramente, ora nem tanto, cuja aparece com a intenção de simplesmente valorizar positivamente uma expressão parental no meio acadêmico, abrindo-se espaço para considerações humanizadoras do pesquisar. O objetivo é, então, realizar uma abertura reflexiva para o trabalho do/a pesquisador/a em sua dimensão íntima e poética. A parentalidade apresenta-se como um processo cuja temporalidade não é linear, se faz nas memórias como filho e filha, como irmão ou irmã, como pais e mães. A construção de nossa identidade como pai ou mãe é também frágil e até precária, na medida em que nos transformamos e vemos nossos filhos se transformando, e por isso não é possível um apego duradouro com a maternidade e a paternidade que vivenciamos em determinadas fases da vida. Contudo, tal como a imagem aqui trazida, a do ninho, tais identidades se apresentam como pontos de segurança, de partida e, principalmente, de retorno. Entre as fragilidades, memórias, teorias, sentimentos e cotidianos vivenciados de maneiras distintas, a parentalidade demonstra-se plural mesmo que vivenciada pelos mesmos sujeitos. Existe dentro de cada cuidador um indivíduo que continua a desejar sua própria trajetória profissional, que aqui apresenta-se como a carreira acadêmica. Assim transita-se por mundos, criam-se mundos, para o pai, para a mãe, para o/a pesquisador/a. O ninho, utilizado como metáfora para refletir sobre a parentalidade de um casal que é composto por uma mãe e por um pai de uma menina de cinco anos, ambos pesquisadores, é compreendido como um lugar de construção para idas e vindas, um lugar seguro que permite o transitar e o conhecer. Um lugar, bem como nos ensina o geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), quando o espaço recebe um sentimento afetivo e assegura ao ser a sua estabilidade em um canto do mundo. A simplicidade com que os ninhos são construídos e a humildade de seus materiais não empobrecem tal onirismo estável, mas pelo contrário, enriquecem as possibilidades imaginárias e poéticas de amplificação de sentido. Estar em um ninho é habitar um lugar feito pelo corpo, tal como os pássaros os

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul, drborges1@ucs.br

<sup>2</sup> Centro Universitário Internacional - UNINTER, wgmachado@ucs.br

constroem, intumescendo o espaço, apertando a matéria contra o peito. A parentalidade pressupõe uma gestação, que pode desdobrar-se por vários caminhos: a adoção, o aborto, a maternidade solo, a paternidade solo, a parentalidade compartilhada, entre outras várias possibilidades. Para cada escolha há, sem dúvidas, perdas e ganhos sobre os quais somente os envolvidos podem opinar, e o fato é que, a partir da experiência de escolher e investir em uma maternidade e paternidade de apoio e acolhimento mútuos, não apenas no âmbito da parentalidade, existem desafios e potencialidades. O caminho para a pesquisa acadêmica é composto por aprendizagens diversas que exigem disponibilidade física, financeira e psicológica dos envolvidos. Tais aspectos assemelham-se às aprendizagens parentais, as quais vão sendo construídas ao longo do agir, do cuidar e do aprender. O ninho, tomado como um empréstimo poético do trabalho dos pássaros, compreende-se como um espaço físico e corporal, que vai sendo construído com o respeito pelo corpo deste outro ser humano que chega ao mundo necessitando de cuidados básicos para crescer e desenvolver-se. O ninho expande-se, dilata-se ao longo da trajetória deste pequeno ser chamado filho, quando este aprende a caminhar e quando cai pode voltar para o abraço e para o acolhimento. O ninho é, assim, casa, proteção, um signo do retorno. É uma imagem primitiva de confiança, como nos ensina o filósofo da imaginação Gaston Bachelard (1989). Um espaço para o qual a criança sabe que pode contar, na medida em que, indo para o mundo tantas vezes, depara-se com desafios que lhe demandam muitas habilidades novas. Tal como ocorre, de certa forma, na aprendizagem acadêmica, que permite-nos experimentar a escrita, a elaboração de projetos de pesquisa com o amparo de um orientador, alguém que lhe dá suporte, lhe dá acolhimento. O espaço da universidade, portanto, pode ser também este espaço de ninho que precede o ato de voar, de encontrar novas descobertas sobre os problemas de pesquisa que optamos por investigar. Afinal, como nos disse Bachelard, o ninho é um esconderijo do voo alado. Assim como aprender a caminhar, a utilizar os talheres, a tesoura, aprender a dividir os brinquedos e o alimento, a academia, os professores e orientadores nos auxiliam a encontrar metodologias que alinhem-se com nossos objetivos, que dêem conta de responder mesmo que parcialmente nosso problema de pesquisa. Aos poucos e durante o processo de aprendizagem, que, como a maternidade e paternidade, não se encerram em si, a pesquisa ensina aos pesquisadores, ela manifesta-se como uma experiência. Esta nutre-se de várias maneiras: nas aulas, na troca de saberes distintos, nas conversas descontraídas, na partilha de referências, no processo de escrita e orientação, nos eventos acadêmicos, entre outros. Longe da busca de idealizar o processo de tornar-se pesquisador e pesquisadora sendo pai e mãe, compreendemos que é fundamental nos inserirmos nestes espaços para que possamos falar a partir dos nossos lugares, às vezes privilegiados, às vezes marginalizados. Um ninho, afinal, toma forma a partir dos corpos que o moldam. É o interior que se impõe para dar forma a essa morada. Longe também de buscar generalizar as maternidades, as paternidades e as parentalidades, buscamos abrir um diálogo para trazer poética a este espaço de ninho que constitui-se como metáfora para nossa experiência. Uma experiência plural, vivenciada por um homem e uma mulher, que, na medida em que comunicam-se e mutualizam-se apoio, constroem-se como pesquisadores de ciências humanas. Na busca por uma ciência que nos soe humana, na medida em que contemple diferenças teóricas, raciais, de gênero, corporais, psíquicas.

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul, drborges1@ucs.br

<sup>2</sup> Centro Universitário Internacional - UNINTER, wgmachado@ucs.br

“Sonhei com um ninho onde os tempos não dormiam mais.”

*Adolphe Shedrow*

Referências:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989. TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

**PALAVRAS-CHAVE:** Parentalidade, Ciências Humanas, Filosofia

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul, drborges1@ucs.br

<sup>2</sup> Centro Universitário Internacional - UNINTER, wgmachado@ucs.br